

Lá Longe - 1216

“Eu – Tibães” exposição fotográfica de Miguel Louro



JOSÉ HÁNDEL
DE OLIVEIRA

O distinto clínico e conceituado fotógrafo, Dr. Miguel Louro, convidou-me para assistir à inauguração de mais uma das 50 exposições que está a levar a cabo no projeto 50/70. Assim desloquei-me à freguesia de S. Martinho de Tibães, nos arredores da cidade de Braga, onde fui recebido com grande cordialidade pelo Dr. Miguel Louro e pela Professora e poetisa Dr.ª Maria José Machado. Entretanto foram chegando dezenas de pessoas e não tardou que subissemos para a grandiosa galeria, onde estavam expostas mais de uma centenas de fotografias, de todos os tamanhos e focando essencialmente o Mosteiro de Tibães e todo o terreno que o circunda, em que sobressaia o lago, os bancos e os jardins. Fiquei encantado com tudo o que vi e deixei a minha admiração transcrita no caderno existente na Galeria para quem quisesse registar a sua opinião. Lutando com a falta de espaço, ainda direi que me impressionaram as fotografias tiradas a várias partes do Mosteiro, em ruínas, antes das obras de recuperação daquele património, em boa hora efetuadas e quero crer que o maravilhoso trabalho fotográfico do Dr. Miguel Louro, também contribuiu para isso. Reproduzirei agora os pareceres do Diretor do Museu Paulo Oliveira, do Professor, escritor e historiador José Carlos G. Peixoto, da atual Diretora da Biblioteca bracarense Lúcio Craveiro da Silva e terminarei com as douradas palavras do autor da exposição Miguel Louro:

“A exposição acolhe 50 anos de imagens captadas em fragmentos do tempo pequenos pedaços de uma longa jornada fotográfica em busca de um passado que continua presente e que se manifestou, de forma inspirada, em pequenas películas que a luz ultrapassou.

Eu-Tibães, é esta relação que envolve e abraça o homem, a sua vida e o património. Que torna visível a inquietação sentida aos 20 e que chega agora aos 70 num registo quase arqueológico. Que nos mostra a beleza de um monumento então desprezado, mas de uma força e vitalidade permanentes. Que não quebrou nem caiu, apesar da ausência do silêncio e do abandono a que foi submetido.

Esta exposição constitui, ela própria, um testemunho histórico. Quem conhece o Mosteiro de Tibães recordará o processo de resgate da ruína e da reabilitação do monumento. Traz-nos memórias quase esquecidas colocadas no baú de recordações ora reabertas.

O autor consegue através da sua sensibilidade para a captação da imagem, transportar-nos para um momento poético, introduzindo nos seus registos as imagens de visões idealizadas e fantásticas.

Miguel Louro quis testemunhar e transmitir a sua profunda ligação ao Mosteiro de Tibães. Sem o saber criou há cerca de 40 anos, um dos registos fotográficos mais importantes para a história do Mosteiro. As suas imagens, realizadas pelos anos 80 do século XX, constituem uma poderosa e útil ferramenta para a reabili-



tação e restauro deste monumento do século passado.

Eu-Tibães não é um legado, mas um caminho para o futuro. As suas imagens ficarão imortalizadas, como ferramenta-base para a aquisição do conhecimento da transição do uso privado para a gestão pública monumento. Estes registos moldaram e apoiaram as decisões tomadas no processo de reabilitação do Mosteiro de S. Martinho de Tibães.

Eu-Tibães é também um pedaço de história artística e um olhar inspirador sobre o património. Das luzes e das sombras, da limpidez e da névoa criou, Miguel Louro um admirável cántico poético. Paulo Oliveira

Para assinalar 40 anos de fotografia, Miguel Louro presenteou-nos com o livro “Uma Laica Pendurada ao Pescoço”. Vem agora o distinto médico festejar os 50 anos de fotografia e os 70 anos de idade com esta empática amostra, na maioria em tela, no âmbito de um périplo expositivo por todo o país.

Consideramos Miguel Louro o primeiro fotógrafo de Tibães. O primeiro que em 1987, vem mostrar o estado calamitoso em que se encontrava o mosteiro. O primeiro que por via aérea, numa frágil avioneta, mostrou ao mundo a ruína e a degradação do monacato tibianense.

Nada mais oportuno nesta exposição, num tempo em que se aproximam os 40 anos sobre o contrato promessa da compra do mosteiro e zona circundante ocorrida no Governo Civil de Braga, numa cerimónia solene, onde não faltaram os Ministros da Administração Interna e da Educação e Cultura, além da Secretária de Estado da Cultura, do IPPC, do Governador Civil e do Presidente da Câmara.

Tudo aconteceu em 19 de agosto de 1986. Esta data marca o resgate patrimonial. Daqui se partiu para uma <urgente> reabilitação e valorização do monumento, hoje espaço museológico, objeto impar de fruição pública, local de encontro e cultura, uma centralidade impar do norte do país.

Além de médico de profissão, Miguel Louro é um fotógrafo multifacetado, um criador da <essência das coisas> sobre as mais variadas

temáticas desde os <momentos> captados e impressos em azulejos até platinotipias; desde a partilha do mundo até à forma de suscitar emoções; desde o registo de percepção e interação pessoal até à capacidade de manter vivas muitas memórias.

Parabéns. Recordamos o que escrevemos no prefácio do livro “Uma Laica Pendurada ao Pescoço” é o momento de dar a Miguel Louro a linha da frente e o centro do palco.

José Carlos G. Peixoto

Conheci Miguel Louro em finais do ano de 1987. O Mosteiro de Tibães dava os primeiros passos numa nova etapa da sua longa vida de nove séculos. Uma vida muito conturbada, sobretudo a partir dos anos setenta <do século passado, quando assistiu à delapidação do seu

património nuclear, à degradação e mesmo à ruína. Situação que foi resgatada em 1986 quando o Estado Português adquiriu a parte do Mosteiro em uso privado e empreendeu as primeiras medidas de salvaguarda que permitiram estancar o acelerado avanço de ruína e abri-lo à fruição pública.

É no dealbar deste novo percurso do Mosteiro de São Martinho de Tibães que se realizou em Braga, entre 20 de novembro de 1987 e 22 de janeiro de 1986, o ciclo de conferências Tibães: o seu passado e que futuro? Promovidas pelo Centro de Ciências Históricas e Sociais da Universidade do Minho e pelo Museu Nogueira da Silva, e uma exposição icnográfica, documental e fotográfica sobre aquele monumento montada no Museu Nogueira da Silva.

Foi neste momento que conheci Miguel Louro, o fotógrafo convidado a <olhar para aquele património e dar forma ao núcleo fotográfico da exposição>.

Miguel Louro, com quem viria a trabalhar durante alguns anos, conhecedor e amante do Mosteiro, realizou uma importante missão fotográfica que ao longo de décadas se revelou fundamental para a construção da memória visual deste notável monumento nacional. O seu passado e o que dele ainda restava nas velhas pedras de Tibães, tocou-o muito de perto e no mais profundo de si mesmo, podendo-se afirmar que foi tomado pelo <Espírito do Lugar>. Movido por uma sensibilidade única e um rigoroso olhar documental, captou, sobretudo através da fotografia a preto e branco, os espaços, as texturas e as marcas do tempo que perduravam no mosteiro antes da grande intervenção de reabilitação que o resgatou patrimonialmente. As suas imagens são testemunhas insubstituíveis pois revelam uma envolvimento dramática e ao mesmo tempo serem dos espaços abandonados, das pedras consumidas pelo tempo e da melancolia da ruína. São documentos visuais que ultrapassam a mera representação, sendo matéria viva para a reflexão sobre o património e a pronúncia da sua preservação e salvaguarda.

O seu trabalho constitui um acervo indispensável, não só para os historiadores, conservadores/restauradores e arquitetos, mas também para todos os que procuram compreender a verdadeira dimensão patrimonial e humana do Mosteiro de Tibães. Ao fotografá-lo, Miguel Louro tornou-se guardião de uma memória coletiva, fixando, através da luz e da sombra, a essência do mosteiro num período decisivo da sua história. O seu contributo, devolvendo ao Mosteiro aquilo que os seus públicos não podem mais ver, revela-se, não só imprescindível para o conhecimento profundo daquele Espaço, como se arvora em alicerce poderoso de uma Memória que os novos tempos tendem a apagar.

Aida Maria Reis da Mata – Responsável e Diretora do Mosteiro de São Martinho de Tibães entre 1987 e 2009

Eu – Tibães Conheci desde muito jovem o Convento de Tibães pela mão de minha mãe, que residindo em Real e sendo filha de um médico historiador, Jerónimo de Sousa Louro, cedo se apaixonou pela história e Património Português, tendo conseguido influenciar-me e despertar em mim o gosto pela História, obras de arte, edifício antigo e antiguidades. Aliando tudo isto ao gosto pela fotografia, captei as primeiras imagens aéreas do Mosteiro de Tibães, assim como fiz o acervo fotográfico das ruínas do mesmo.

Nesta trabalho fotográfico sobre Tibães e ao longo de várias décadas consegui reunir imagens que são dos melhores registos fotográficos que possuo no meu acervo. “O fantasma do Monge de Tibães”, “a igreja”, “o lago”, que já foram utilizados em catálogos deste Mosteiro.

“Eu – Tibães” de mim para todos, “oferece as imagens reais deste património em ruínas, agora já recuperadas, assim como o meu imaginário deste histórico Convento.

A paixão por este recatado lugar, desde o interior da sua igreja, aos bancos do seu lago, em dias calmos e luzidios, sentar e sentir, influenciaram algumas das decisões da minha vida. Frequentei o Mosteiro de Tibães com figuras como a Sr.ª Dr.ª Aida Mata, Prof. Aurélio de Oliveira, e através do seu conhecimento pude aceder à “História dos Monges” sobre a sua vida monástica, pessoal, religiosa, o seu interesse para o desenvolvimento da agricultura, jardins e espaço arbóreo. O que mais se salienta aos meus olhos, para além da mata com espécies trazidas de outros conventos, foi sebe secular de buxo. O espaço e localização do convento são fabulosos, do ponto mais alto da mata no seu escadório, temos uma visão deslumbrante das torres das igrejas e todo o Vale do Cávado que se estende até perder de vista nas montanhas do Gerês. Tibães que desde muito cedo reside na minha mente, ficará para sempre marcado na minha vida e no meu acervo fotográfico. O meu profundo agradecimento aos Monges Beneditinos e ao seu fundador S. Bento, pela majestosa contribuição para o meu imaginário e a minha vida fotográfica, Miguel Louro

Este dia memorável não terminou sem que o Dr. Miguel Louro me tivesse convidado e a cerca de mais uma dúzia de pessoas que estiveram na inauguração da exposição, para jantar que decorreu com um alegre convívio e se ouviram muitos elogios ao grandioso trabalho apresentado.

Braga, 11 de janeiro de 2025